

# AS ESTRATÉGIAS FACILITADORAS DA PSICOPEDAGOGIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

## THE FACILITATING STRATEGIES OF PSYCHOPEDAGOGY IN THE LEARNING PROCESS

Greice Zanotto Bonamigo<sup>1</sup>

**Resumo:** A motivação primordial que deu origem a este estudo foi reiterar que a Psicopedagogia desempenha um papel crucial na Educação, ampliando as oportunidades de investigação e reflexão sobre o processo de aprendizagem. Ao analisar os trabalhos de renomados autores como Grassi (2013), Bossa (2016) e Scoz (2013), é evidenciado que a atuação do psicopedagogo institucional favorece o professor na busca pelo autoconhecimento, na reconstrução de suas subjetividades e na reflexão sobre sua história, existência e necessidades. Essa jornada interna capacita o professor a desencadear transformações significativas em sua prática pedagógica. Portanto, o propósito deste artigo é aprofundar a compreensão do processo de aprendizagem diante dos desafios apresentados pelos distúrbios de aprendizagem, explorando as estratégias viáveis para sua implementação. Para essa investigação, foram utilizados diversos referenciais teóricos que destacam a importância do psicopedagogo, seu papel interveniente e preventivo, bem como sua contribuição fundamental para o ambiente escolar.

**Palavras-chave:** Estratégias, psicopedagogia, aprendizagem, processo.

**Abstract:** The primary motivation that gave rise to this study was to reiterate that Psychopedagogy plays a crucial role in Education, expanding opportunities for investigation and reflection on the

---

<sup>1</sup> Professora de História Licenciatura Plena pela Universidade de Passo Fundo – UPF. Pedagoga pela Faculdade Educacional da Lapa - FAEL. Psicopedagoga com ênfase em Educação Especial pela Faculdade Educacional da Lapa – FAEL. Psicopedagoga Institucional e Clínica pela Faculdade Venda Nova Do Imigrante - FAVENI, e-mail: grezanottobonamigo@gmail.com.

learning process. When analyzing the works of renowned authors such as Grassi (2013), Bossa (2016) and Scoz (2013), it is evident that the role of the institutional psychopedagogue favors the teacher in the search for self-knowledge, in the reconstruction of their subjectivities and in the reflection on their history, existence and needs. This internal journey enables the teacher to trigger significant transformations in their pedagogical practice. Therefore, the purpose of this article is to deepen the understanding of the learning process in the face of the challenges presented by learning disorders, exploring viable strategies for their implementation. For this investigation, several theoretical references were used that highlight the importance of the educational psychologist, his intervening and preventive role, as well as his fundamental contribution to the school environment.

**Keywords:** Strategies, psychopedagogy, learning, process.

## INTRODUÇÃO

O estudo proposto aborda o tema “Psicopedagogia e suas estratégias para facilitar o processo de aprendizagem”, reconhecendo o papel essencial do psicopedagogo no contexto escolar, como parte integrante da equipe multidisciplinar comprometida com o sucesso do aluno.

Dentro deste contexto, as perguntas que guiaram este estudo foram as seguintes: de que maneira as estratégias diversas propostas pelos psicopedagogos podem apoiar tanto os professores quanto os alunos no processo de aprendizagem? Quais iniciativas podem ser implementadas, em harmonia com o Plano Político Pedagógico da escola, sob a perspectiva da psicopedagogia?

Nos últimos anos, com o acesso à escola garantido para a maioria das crianças brasileiras, há uma crescente preocupação com a melhoria da qualidade da educação, especialmente na rede pública. Para enfrentar esse desafio, torna-se crucial que a escola promova mudanças em sua estrutura, organização e, sobretudo, em suas práticas pedagógicas. Por conseguinte, a formação de professores, seja ela inicial ou contínua, desempenha um papel fundamental na busca por condições que permi-

tam à escola cumprir eficazmente sua missão de educar e formar cidadãos ativos na construção de uma sociedade caracterizada pela equidade e justiça. Nesse contexto, a psicopedagogia se dedica aos processos de aprendizagem, o que ressalta a importância da formação continuada desses profissionais (DROUET, 2015).

A Psicopedagogia também contribui para uma abordagem interdisciplinar do conhecimento, promovendo uma educação mais abrangente que integra diversas áreas do saber na formação do aluno. Dessa forma, atua de maneira preventiva, evitando ou minimizando situações de insucesso.

Este recurso proporciona ao professor, em colaboração com o psicopedagogo, um suporte para lidar diretamente com os desafios da aprendizagem, suavizando-os ao identificar as capacidades do aluno e desenvolver atividades que auxiliem na organização e coordenação de suas ideias e expressões intelectuais.

O objetivo geral deste estudo é aprofundar a compreensão do processo de aprendizagem diante dos desafios apresentados pelos distúrbios de aprendizagem, bem como explorar as estratégias viáveis para sua implementação.

A metodologia empregada nesta pesquisa é exploratória, de natureza qualitativa, centrada na análise detalhada de estudos relevantes sobre o tema e artigos científicos disponibilizados eletronicamente, considerando a atualização das informações contidas nos periódicos como critério fundamental.

As teorias que fundamentaram este estudo foram desenvolvidas por autores como Drouet (2015), Scoz (2013), Soares (2014), Andrade (2015), Barbosa (2016) e Bossa (2016).

## **EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA PSICOPEDAGOGIA**

O surgimento da Psicopedagogia na Europa no século XX não possui uma data precisa, pois ainda não é um consenso na literatura. De acordo com Andrade (2015), o surgimento ocorreu na década de 1920, quando foi estabelecido o primeiro Centro de Psicopedagogia do mundo.

Por outro lado, Bossa (2016) e Scoz (2014) apontam que a Psicopedagogia teria surgido em 1946, quando foram criados os primeiros Centros Psicopedagógicos na Europa.

A Psicopedagogia iniciada nesses centros tinha, como um de seus objetivos principais, a assistência a crianças e adolescentes que manifestavam dificuldades comportamentais, seja na escola ou na família, de acordo com os padrões da época. O propósito era reintegrá-los ao ambiente por meio de um acompanhamento psicopedagógico (BOSSA, 1994).

Essa prática de reeducação envolvia a identificação e tratamento de dificuldades de aprendizagem, utilizando ações de medição, classificação de desvios e elaboração de planos de trabalho. De acordo com os estudos de Andrade (2015, p. 58), o conhecimento necessário para essa abordagem estava ancorado na Psicologia, Psicanálise e Pedagogia, com uma ênfase predominantemente médico-pedagógica.

A Argentina exerceu uma forte influência na Psicopedagogia, especialmente durante períodos em que muitos países da América Latina eram governados por regimes autoritários. Devido a essas circunstâncias, a Psicopedagogia foi introduzida clandestinamente em alguns lugares (ANDRADE, 2015). No Brasil, assim como na Argentina, a Psicopedagogia foi inicialmente moldada por uma abordagem médico-pedagógica e com uma ênfase mais prática do que acadêmica. De forma mais preventiva, o Brasil já havia adotado iniciativas de trabalho psicopedagógico, especialmente focadas na dinâmica professor-aluno.

No entanto, a literatura indica que a principal preocupação na história inicial da Psicopedagogia brasileira foi lidar com problemas relacionados às disfunções neurológicas, especialmente aquelas conhecidas na época como “Disfunção Cerebral Mínima” (DCM) (BOSSA, 2016).

Somente cerca de vinte anos após o início da prática psicopedagógica no Brasil, em 1979, surgiu o primeiro curso de especialização em Psicopedagogia do país, inicialmente denominado Curso de Reeducação Psicopedagógica. Este curso foi estabelecido no Instituto Sedes Sapientiae (SP), embora não tenha sido reconhecido legalmente.

Embora a tradição de formação em Psicopedagogia através de cursos de especialização per-

sista até hoje, nos anos 2000, houve um movimento significativo de avanço na Psicopedagogia brasileira, com o surgimento de outros tipos de cursos na área, resultando em um aumento substancial na produção acadêmica nesse campo (FONTES, 2006).

## **A ATUAÇÃO E O PERFIL DO PSICOPEDAGOGO NO CONTEXTO ESCOLAR E A IMPORTÂNCIA DE SUA VALORIZAÇÃO**

A prática psicopedagógica abrange o conhecimento dos processos de aprendizagem em seus diversos aspectos: cognitivos, emocionais e corporais. Inserido no processo ensino-aprendizagem, o trabalho psicopedagógico colabora com os profissionais das instituições escolares, prevenindo dificuldades, detectando momentos de desafios e antecipando questões que podem necessitar de tratamento futuro na vida educacional dos aprendentes. Além disso, interage com a estrutura organizacional escolar quando os problemas de dificuldades de aprendizagem já estão presentes, contribuindo com diagnósticos e terapias psicopedagógicas.

O psicopedagogo é um profissional habilitado para atuar tanto na área clínica quanto na institucional, incluindo o ambiente escolar, hospitalar e empresarial. No Brasil, para exercer a profissão de psicopedagogo, é necessário possuir certificado de conclusão de curso de especialização em Psicopedagogia em nível de pós-graduação, emitido por instituições devidamente autorizadas ou credenciadas conforme a legislação vigente (Resolução 12/83, de 06/10/83), que forma os especialistas (CFE, 1983).

O psicopedagogo tem a capacidade de atuar em diversas áreas, tanto de forma preventiva quanto terapêutica, buscando compreender os processos de desenvolvimento e aprendizagem humanos e utilizando diversas estratégias para lidar com os desafios que possam surgir.

Na prática psicopedagógica, o profissional qualificado na área identifica dificuldades no processo de aprendizagem do aluno e, a partir dessa análise, integra-se à equipe escolar para oferecer orientações. Em termos de assistência, trabalha em colaboração com professores, gestores e coordena-

nadores, ajudando-os a repensar o papel da escola em relação ao processo de aprendizagem do aluno (BOSSA, 2016).

Em uma abordagem preventiva, o psicopedagogo pode desempenhar um papel docente, capacitando profissionais da educação ou atuando diretamente na escola. Dado o caráter preventivo de sua função, é responsabilidade do psicopedagogo detectar possíveis dificuldades no processo de aprendizagem e tomar as medidas adequadas com base em suas observações.

Durante todo esse processo, o psicopedagogo deve agir como mediador, indo além da simples integração dos conhecimentos da psicologia e da pedagogia. Ele pode atuar tanto na área da saúde quanto na educação, pois seu conhecimento visa compreender as diversas dimensões da aprendizagem humana.

Em uma abordagem terapêutica, o psicopedagogo lida com as dificuldades de aprendizagem, diagnosticando, desenvolvendo técnicas remediativas, orientando pais e professores, e estabelecendo contato com outros profissionais nas áreas de psicologia, psicomotricidade, fonoaudiologia e educação (GRASSI, 2013, p.64).

Da mesma forma, o psicopedagogo tem a oportunidade de trabalhar com crianças hospitalizadas, auxiliando em seu processo de aprendizagem em colaboração com a equipe multidisciplinar da instituição hospitalar, que inclui psicólogos, assistentes sociais, enfermeiros e médicos. No ambiente empresarial, o psicopedagogo pode contribuir para melhorar as relações interpessoais entre os funcionários da empresa.

O diagnóstico realizado pelo psicopedagogo marca o início do processo de identificação, envolvendo investigação e intervenção simultâneas, com o objetivo de acompanhar a evolução do indivíduo (BOSSA, 2016).

Diante do desafio do baixo desempenho acadêmico, as escolas estão cada vez mais preocupadas com os estudantes que enfrentam dificuldades de aprendizagem. Elas se encontram em uma situação em que não sabem como lidar com crianças que não conseguem aprender de acordo com o ritmo considerado normal e muitas vezes não têm uma política de intervenção eficaz para superar

esses problemas de aprendizagem.

Nesse contexto, o psicopedagogo institucional, como profissional qualificado, desempenha um papel crucial no ambiente educacional, oferecendo suporte aos professores e outros profissionais da instituição escolar para prevenir problemas e melhorar as condições do processo de ensino-aprendizagem. Ele identifica dificuldades de aprendizagem que podem levar à repetição de ano e à evasão escolar, utilizando um corpo de conhecimento científico proveniente da integração de diversas áreas. Segundo Libâneo (2016, p. 90), “a escola reflete as características observadas na vida social mais ampla: as relações hierárquicas de poder, a fragmentação e a burocratização do trabalho pedagógico”.

É fundamental que o psicopedagogo evite burocratizar o trabalho dos professores, concentrando-se em desenvolver condições positivas nos processos educativos. Seu objetivo principal deve ser reintegrar o indivíduo, seja criança, adolescente ou adulto, em um processo de aprendizagem satisfatório e saudável (LIBÂNEO, 2016).

Observa-se que o psicopedagogo é um profissional de ação, cuja prática implica uma ampla gama de atitudes, envolvendo tanto a si mesmo quanto aos outros seres humanos nos processos de aprendizagem. O procedimento psicopedagógico está enraizado na atitude daquele que se envolve com o sujeito da aprendizagem, e sua abordagem é encontrada nos ensinamentos implícitos e em sua visão de mundo.

Refletindo sobre o processo de aprendizagem, é evidente que desde o nascimento iniciamos essa jornada. Ao interagir com o ambiente e as relações sociais que nos cercam, o ser humano constrói sua identidade e sua estrutura de personalidade. Como destacado por Barbosa (2016, p. 87), “ao transformar a realidade ao seu redor, ele constrói a si mesmo, tecendo sua rede de saberes, a partir da qual interage com o meio social, determinando suas ações, suas reações e suas práticas sociais”.

A aprendizagem ocorre quando o ambiente estimula o indivíduo, resultando em uma mudança de comportamento diante de uma situação ou problema. Esse processo é influenciado por diversos fatores, incluindo aspectos intelectuais, psicomotores, físicos, sociais e emocionais.

Os professores elaboram seus planos de ensino, mas é importante questionar se a didática

utilizada está alinhada com a proposta pedagógica da escola, ou se simplesmente são ignorados critérios nesse sentido (SCOZ, 2013).

Dentro das instituições, nossa rede de conhecimento é gradualmente construída, destacando a importância de incorporar a psicopedagogia para examinar as dinâmicas interpessoais nesses ambientes. Além do ambiente escolar, a psicopedagogia está cada vez mais presente em hospitais e empresas. Seu papel é analisar e identificar os fatores que influenciam, intervêm ou prejudicam uma boa aprendizagem em uma instituição.

O psicopedagogo atua de forma preventiva, sendo indicado para assessorar e esclarecer a escola sobre diversos aspectos do processo de ensino-aprendizagem. No contexto escolar, esse profissional contribui para a compreensão das dificuldades de aprendizagem que não se limitam às deficiências individuais dos alunos, mas também são consequências de problemas institucionais, como organização da instituição, métodos de ensino, relação professor-aluno, linguagem do professor, entre outros. Ele pode desempenhar um papel preventivo junto aos professores, auxiliando-os a identificar precocemente possíveis obstáculos na aprendizagem.

O psicopedagogo deve compreender os elementos que influenciam o processo de aprendizagem, o que pode contribuir significativamente para o progresso daqueles que enfrentam dificuldades nessa área (BOSSA, 2016). Segundo Soares (2014), a psicopedagogia oferece a oportunidade de estudar as características da aprendizagem humana, compreendendo como ocorre esse processo e identificando os fatores que influenciam, possibilitando assim a implementação de intervenções adequadas.

O psicopedagogo, por sua vez, tem a responsabilidade de analisar e avaliar as verdadeiras necessidades da escola, atendendo às suas demandas e colaborando com o projeto político-pedagógico para entender como a instituição conduz o processo de ensino-aprendizagem, assegurando o sucesso dos alunos e envolvendo a família como parceira. Reconhecendo que a escola desempenha um papel fundamental na formação do indivíduo, o psicopedagogo disponibiliza seu trabalho preventivo para antecipar e solucionar problemas (ANDRADE, 2015).

O papel do psicopedagogo escolar é de extrema importância, pois pode e deve ser pensado



a partir da instituição, que desempenha uma função social crucial ao socializar os conhecimentos disponíveis e promover o desenvolvimento cognitivo. Através da aprendizagem, o sujeito é integrado de forma mais organizada ao mundo cultural e simbólico que permeia a sociedade.

Vygotsky (2012, p. 21) enfatiza a dimensão social da aprendizagem ao afirmar que “quando os pais ajudam e orientam a criança desde o início de sua vida, estão fornecendo-lhe uma atenção social mediada, o que contribui para o desenvolvimento de uma atenção voluntária e mais independente, que ela utilizará na classificação e organização de seu ambiente”.

Essa perspectiva fundamenta-se na ideia de que o ser humano se torna humano ao apropriar-se da humanidade produzida historicamente. Nesse contexto, o ensino desempenha o papel de transmitir as experiências histórico-sociais, que se transformam ao longo do tempo.

O psicopedagogo está sendo cada vez mais valorizado, evidenciado pelo crescente número de materiais científicos produzidos e publicados. Nesse sentido, a psicopedagogia preventiva, quando aceita e adotada sem preconceitos nas instituições, é percebida de maneira distinta, representando uma oportunidade para aprimorar a aprendizagem (GRASSI, 2013).

A presença de psicopedagogos nas instituições educacionais é um fator significativo para o desenvolvimento de estratégias que visam melhorar a qualidade das relações interpessoais e alcançar os objetivos estabelecidos por cada instituição. Como ressalta Libâneo (2016, p. 58), “o gestor educacional consciente dos propósitos de melhoria humana perceberá a importância desse trabalho, pois reconhece a necessidade de explorar diferentes interpretações e abordagens diante da realidade”.

De acordo com Bossa (2016), o psicopedagogo pode contribuir na elaboração do projeto pedagógico, utilizando seus conhecimentos para responder a questões fundamentais como: o que ensinar, como ensinar e para que ensinar. Além disso, ele pode realizar diagnósticos institucionais para identificar problemas pedagógicos que afetam a qualidade do processo de ensino-aprendizagem; auxiliar os professores a adaptarem suas práticas de ensino às necessidades dos alunos; orientar o acompanhamento dos alunos com dificuldades de aprendizagem; e fazer encaminhamentos para profissionais especializados, como fonoaudiólogos, psicólogos, neurologistas, psiquiatras, entre outros.

## OS OBSTÁCULOS ENFRENTADOS NOS DISTÚRBIOS DE APRENDIZAGEM SOB A PERSPECTIVA PSICOPEDAGÓGICA

O conceito de distúrbios de aprendizagem abrange uma ampla gama de dificuldades significativas na aquisição e compreensão das capacidades de aprendizagem. Segundo os estudos de Soares (2014, p. 75)

No Brasil, foi Lefèvre em 1975 quem introduziu o termo “distúrbio” como: “Uma síndrome que afeta crianças com inteligência na média ou acima da média, apresentando problemas de aprendizagem e/ou certos distúrbios comportamentais de grau leve ou severo, associados a discretas alterações no funcionamento do Sistema Nervoso Central (SNC), que podem ser caracterizadas por várias combinações de déficits na percepção, conceituação, linguagem, memória, atenção e função motora.”

Dessa forma, crianças que enfrentam distúrbios de aprendizagem geralmente “enfrentam dificuldades na aquisição de conteúdo teórico, mesmo possuindo uma inteligência considerada dentro da normalidade. Os principais distúrbios incluem a Dislexia, que é uma falha no processamento das habilidades de leitura e escrita durante o desenvolvimento” (ANDRADE, 2015, p.45). De acordo com Scoz (2014, p. 77), “a dislexia envolve alterações decorrentes de pequenas limitações sensoriais ou anomalias na organização dinâmica dos circuitos cerebrais responsáveis pela coordenação viso-áudio-motora”.

Indivíduos com dislexia apresentam diferenças específicas no processo de aprendizagem, não se tratando de uma condição patológica, mas sim de uma forma distinta de processar informações, não implicando em uma incapacidade. Quando iniciam o processo de alfabetização, as crianças já têm domínio da linguagem oral e são capazes de iniciar o aprendizado da escrita. De acordo com Scoz (2013, p. 132), “existem regras específicas e próprias da escrita, o que torna o seu aprendizado mais desafiador”.

O indivíduo com dislexia demonstra uma dificuldade específica na leitura e na escrita, demandando uma investigação mais detalhada devido à complexidade do tema. O processo de aprendizado da leitura e escrita representa um marco crucial na vida das crianças, no entanto, muitas delas enfrentam desafios nesse processo, exigindo que os profissionais se especializem nesse assunto para uma intervenção precoce eficaz. Conforme observado por Bossa (2016, p. 75), “etimologicamente, a dislexia é um distúrbio de origem neurológica, congênito e hereditário, sendo comum em parentes próximos”.

Quando a dislexia é identificada e tratada precocemente, é possível evitar impactos emocionais e comportamentais significativos, permitindo que a criança supere suas dificuldades e prossiga com sucesso no processo de alfabetização. De acordo com Soares (2014), o diagnóstico desse transtorno requer a utilização de métodos para avaliar o nível de funcionalidade da leitura, identificar seu potencial e avaliar a capacidade, o grau de deficiência e as disfunções neuropsicológicas, além de empregar estratégias de intervenção para aprimorar o processo neuropsicológico.

Conforme observado por Scoz (2013, p. 88), a disgrafia refere-se à falta de habilidade motora para expressar por meio da escrita o que foi percebido visual ou mentalmente, resultando em traços lentos e letras ilegíveis. É uma condição decorrente de um desequilíbrio na integração entre processos visuais e motores.

Essa dificuldade surge devido à incapacidade de recordar a grafia das letras. Quando isso ocorre, não há deficiência visual, motora, intelectual ou neurológica presente na criança. Entretanto, ela enfrenta dificuldades em transformar informações visuais em movimentos motores.

Diversos estudos destacam que a disgrafia, assim como outras dificuldades relacionadas à aprendizagem, pode ser influenciada por fatores sociais, emocionais e até mesmo psicomotores (GRASSI, 2013).

A criança pode manifestar um ou dois tipos de disgrafia: Disgrafia motora (discaligrafia), na qual a criança consegue falar e ler, mas enfrenta dificuldades na coordenação motora fina para escrever letras, palavras e números; ou seja, reconhece a forma das letras, mas tem dificuldade em

executar os movimentos necessários para escrevê-las. Já a disgrafia perceptiva envolve a incapacidade de estabelecer uma relação entre o sistema simbólico e as grafias que representam os sons, palavras e frases. Esta última compartilha características com a dislexia, que está relacionada à leitura, enquanto a disgrafia está relacionada à escrita.

O tratamento requer uma intervenção individualizada por parte de profissionais, complementando o ambiente escolar. Pais e professores devem evitar repreender a criança e, em vez disso, incentivá-la em suas dificuldades e reconhecer seus progressos. Durante a avaliação, é aconselhável que os educadores evitem corrigir as atividades dos alunos com canetas vermelhas, conscientizando-os sobre seus desafios e oferecendo apoio para superá-los (ANDRADE, 2015).

A incapacidade de compreender e lidar adequadamente com os símbolos dos processos matemáticos é conhecida como discalculia, considerada um distúrbio de aprendizagem na área da matemática. Segundo Barbosa (2016, p. 43), “A palavra discalculia deriva do grego (dis, mal) e do latim (calculare, contar), significando ‘contagem inadequada’. Calculare, por sua vez, deriva de cálculo, que se refere a seixo ou um dos contadores em um ábaco”.

Este distúrbio não tem origem em deficiência mental, problemas visuais ou auditivos, nem resulta de uma má qualidade de ensino. Indivíduos com discalculia cometem uma variedade de erros na resolução de problemas verbais, habilidades de contagem, habilidades matemáticas e compreensão numérica. Qualquer distúrbio diagnosticado pelo psicopedagogo deve ser abordado o mais cedo possível, com o envolvimento de uma equipe multidisciplinar que inclui a família e a escola, especialmente logo após a identificação, para garantir um tratamento eficaz (BOSSA, 2016).

Essas características podem resultar em dificuldades emocionais no relacionamento do indivíduo, levando a baixa autoestima e desempenho escolar insatisfatório, devido às dificuldades reais de aprendizado. Em muitos casos, o indivíduo pode manifestar falta de motivação, comprometimento na memória de trabalho, dificuldades de processamento rápido, falta de confiança em si mesmo, baixo desempenho na leitura e compreensão de textos, bem como sintomas internalizantes, como depressão, ansiedade e flutuações na aprendizagem.

Esses sintomas se manifestam de maneira evidente, especialmente dentro da sala de aula. Para os indivíduos com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) que estão em tratamento medicamentoso, é essencial um acompanhamento contínuo, com a escola colaborando integralmente durante todo o processo. Inicialmente, é responsabilidade da escola, com base nas dificuldades observadas, encaminhar o aluno para uma avaliação psicopedagógica, que poderá identificar fatores que indiquem necessidade de encaminhamentos mais especializados.

O psicopedagogo que acompanha crianças com TDAH deve desenvolver atividades específicas para lidar com suas dificuldades, utilizando jogos, estimulando a leitura e a escrita, promovendo trabalhos manuais de forma lúdica, e garantindo a organização da rotina e a execução das tarefas. (SOARES, 2014).

O profissional graduado em psicopedagogia não apenas conduz reflexões com pais e professores, mas também adapta a criança à sua realidade, ampliando suas oportunidades de aprendizado e conhecimento. Dessa forma, os distúrbios relacionados à aprendizagem são interpretados como indicadores de uma dificuldade ou deficiência na aquisição e utilização de informações, ou na habilidade para resolver problemas.

## **AS INTERVENÇÕES E ESTRATÉGIAS PSICOPEDAGÓGICAS VISAM PROMOVER O SUCESSO ACADÊMICO**

A atuação do psicopedagogo é de mediação, buscando intervir preventivamente em primeiro lugar. Essa abordagem preventiva visa antecipar possíveis dificuldades de aprendizagem e deve ser investigativa. No entanto, quando os distúrbios já estão presentes, a intervenção se torna necessária. Portanto, após um diagnóstico apropriado que identifique os tipos de distúrbios e o modo de funcionamento da criança, é crucial planejar uma intervenção. Esse planejamento deve ser iniciado assim que o psicopedagogo detectar qualquer anormalidade no processo de aprendizagem da criança ou adolescente, promovendo integração e fornecendo orientações (GRASSI, 2015).

É crucial investigar os problemas encontrados e identificar as verdadeiras causas dos distúrbios e dificuldades, que em alguns casos podem ser atribuídos à falta de atenção e/ou desinteresse. Ao avaliar essas questões, será necessário determinar quais necessitam de intervenção psicopedagógica e, em alguns casos, psicológica. Portanto, a avaliação é fundamental para buscar alternativas e diagnósticos precisos.

Após o diagnóstico, a intervenção ocorrerá, envolvendo o processo de ensino-aprendizagem e a relação entre professores e estudantes. Tanto os distúrbios quanto a indisciplina são questões em que o psicopedagogo intervém e ajuda a resolver os problemas (DROUET, 2015).

Um fator essencial a ser destacado para uma intervenção eficaz é a necessidade de o profissional compreender o processo de ensino-aprendizagem, incluindo como os sistemas e métodos educacionais influenciam, bem como os problemas estruturais que surgem. Esse conhecimento requer que o psicopedagogo recorra a teorias embasadas no processo de aprendizagem e em influências afetivas (BOSSA, 2016). Na instituição escolar, a aprendizagem é vista por todos os envolvidos como um processo de interação que leva a descobertas e à construção do conhecimento (BARBOSA, 2016).

A Psicopedagogia desempenha um papel significativo nas instituições educacionais, porém o profissional qualificado enfrenta desafios que exigem uma abordagem holística do sujeito (SCOZ, 2013). Portanto, a ação do psicopedagogo é crucial para permitir intervenções e reorganizações no processo de aprendizagem dos indivíduos, muitas vezes utilizando oficinas como suporte para a intervenção.

Alunos que enfrentam insegurança e medo de fracassar no processo de aprendizagem, assim como professores que se sentem julgados e responsáveis pelos resultados de seus alunos, podem ser considerados fatores significativos que demandam a atenção do psicopedagogo. Em muitos casos, a falta de interesse dos alunos e a desmotivação dos professores no ensino podem contribuir para esses problemas. Nesse contexto, o psicopedagogo pode considerar a aplicação de oficinas como uma estratégia para mitigar ou resolver essas questões. Conforme Grassi (2013, p. 95) destaca, “a perspectiva das Oficinas Psicopedagógicas deve estar centrada na redescoberta, na criação e na recriação, na

construção contínua de novos caminhos para uma jornada de ensino-aprendizagem mais harmoniosa”.

Utilizar oficinas psicopedagógicas como suporte à intervenção institucional é uma estratégia eficaz para que o profissional possa compreender melhor o sujeito, suas relações consigo mesmo, com os outros e com o conhecimento, o que pode contribuir para uma melhor compreensão de suas dificuldades. Nas escolas, diante das queixas apresentadas, a realização de oficinas psicopedagógicas envolvendo o corpo docente e a equipe diretiva/pedagógica, conforme orientado por Grassi (2013, p. 64), permite a análise de diversos fatores e a observação de uma série de aspectos relevantes para o diagnóstico psicopedagógico.

Dessa forma, a possibilidade de superação das dificuldades torna-se mais viável, possibilitando a melhoria das relações interpessoais, promovendo a elaboração e organização de sentimentos e pensamentos, elevando a autoestima e facilitando o autoconhecimento, o que permite ao indivíduo tomar consciência de suas possibilidades e limitações.

A atuação do psicopedagogo na escola é fundamental para auxiliar o coordenador pedagógico na elaboração de estratégias e orientar o corpo docente em relação às dificuldades enfrentadas por professores e estudantes (GRASSI, 2013).

Um exemplo prático dessa atuação é a implementação de Oficinas Psicopedagógicas, que seguem quatro etapas: sensibilização, desenvolvimento por meio de jogos e dinâmicas, reflexão no encerramento e avaliação das experiências de forma crítica (GRASSI, 2013).

Essas oficinas representam momentos de diagnóstico, aprendizado, interação, superação e planejamento de ações que permitirão ao psicopedagogo elaborar estratégias para reduzir as dificuldades de aprendizagem e facilitar o processo de ensino-aprendizagem. Diversas estratégias podem ser empregadas, sendo uma das mais eficazes a integração efetiva da família nas atividades escolares. Além disso, é crucial que, ao detectar distúrbios, sejam tomadas medidas imediatas para mitigar os efeitos prejudiciais desses distúrbios por meio das intervenções do psicopedagogo, em colaboração com a comunidade escolar.

## CONCLUSÃO

Este estudo buscou explorar como a Psicopedagogia poderia contribuir para facilitar a aprendizagem por meio de estratégias e ações direcionadas para atender às necessidades dos alunos, promovendo assim melhorias no processo educacional como um todo.

No contexto escolar, o psicopedagogo tem o discernimento para identificar deficiências na esfera funcional, nas quais os envolvidos no processo educacional não conseguem se engajar plenamente devido a diversos fatores, como as relações entre alunos, professores e gestores com a própria instituição. Essas relações muitas vezes refletem uma falta de valorização, estímulo e reconhecimento, o que resulta em desinteresse pela escola e em uma exigência excessiva de participação por parte de todos os envolvidos. Nesse contexto, a atuação do psicopedagogo torna-se crucial, pois por meio das intervenções realizadas, ele pode facilitar o retorno do estudante ao ambiente escolar e estimular a instituição a refletir sobre sua prática educacional.

O trabalho pode começar explorando as diversas estratégias utilizadas pelos psicopedagogos, com destaque para a oficina psicopedagógica como uma aliada fundamental da psicopedagogia institucional no processo de ensino e aprendizagem. Isso leva os professores a refletirem sobre a valorização de sua profissão em parceria com os psicopedagogos.

Ao analisar as pesquisas dos autores sobre a atuação do psicopedagogo no contexto escolar como um instrumento crucial para facilitar o processo de aprendizagem, percebe-se que tanto os professores quanto os alunos se sentem mais valorizados nesse processo. Eles têm a oportunidade de criar, recriar, aprender e ensinar, resultando em uma produção de conhecimento mais significativa e melhores resultados em seus esforços educacionais. As estratégias oferecidas pela Psicopedagogia por meio de seus profissionais são, sem dúvida, um caminho a ser explorado para o sucesso no processo de aprendizagem.



## REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. S. Rumos e diretrizes dos cursos de Psicopedagogia: análise crítica do surgimento da Psicopedagogia na América Latina. *Cadernos de Psicopedagogia*, v.3, n.6, 70-71, jun. 2015.

BARBOSA, L. M. S. A Psicopedagogia no âmbito da instituição escolar. Curitiba: Expoente, 2016.

BOCK, Ana Mercês Bahia. *Psicologias, uma introdução ao estudo de psicologia*. 13 ed. São Paulo: Ed. Saraiva, 2002.

BOSSA, N. A. A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática. Porto Alegre: Artmed, 2016.

BOSSA, N. A.; OLIVEIRA, V. B. Avaliação psicopedagógica da criança de zero a seis anos. *Voices*, 1994.

CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO. Resolução nº12, de 06 de out. 1983. Fixa condições de validade dos certificados de cursos de aperfeiçoamento e especialização de para o Magistério Superior, no sistema federal, 1983.

DROUET, R. C. R. *Distúrbios de Aprendizagem*. São Paulo. Ática, 2015.

FONTES, M. A. *Psicopedagogia e sociedade: história, concepções e contribuições*. São Paulo: Vetor, 2006.

GRASSI, T. M. *Oficinas psicopedagógicas*. Curitiba. Ibpx, 2013.

LIBÂNEO, J. C. *Didática*. São Paulo. Cortez, 2016.

LIBANEIO, J. C.; OLIVEIRA, J. F.; TOSCHI, M. S. *Educação Escolar: políticas, estrutura e organização*. São Paulo: Cortez, 2003.

SCOZ, B. *Psicopedagogia e realidade escolar: o problema escolar e de aprendizagem*. 2ª ed. Petrópolis. RJ. Vozes, 2013.

SOARES, D. C. Indicadores para uma construção psicopedagógica. Disponível em: <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=243>. Acesso: 16 ago. 2018.

VASCONCELOS, Celso S. Coordenação do trabalho pedagógico: do projeto político-pedagógico ao cotidiano da sala de aula. São Paulo: Libertad, 2002.

VEIGA, Ilma P. A. Projeto Político Pedagógico da escola: uma construção possível. (10ª edição). Campinas, SP: Editora Papirus 2004.

VYGOTSKY, L.S. A formação social da mente. São Paulo. Martins Fontes. 2012.